

## GINEMA SOBRE CINEMA



Como se morre no cinema

No meio de um festival em que eu era presidente do júri de curtas recebi uma tarefa extra: uma pilha de roteiros para julgar. Eram histórias com até 15 páginas escritas por alunos da escola de cinema da cidade. Dois deles veriam suas propostas virarem filmes com recursos e apoio da faculdade. Comecei a ler animada pela oportunidade de conhecer a variedade de ideias de uma nova geração de aspirantes a cineastas. Percebi, surpresa, que havia uma característica comum entre os projetos: a maioria era sobre cinema. Na época, escolhi dois que não tratavam do tema pensando em estimular a criatividade de deles.

No ano seguinte um aluno-roteirista que ficou de fora da seleção me perguntou se eu tinha algum preconceito contra filmes sobre filmes. Não é bem isso. De vez em quando me pergunto por que cineasta gosta tanto de filmar sobre cinema. Também fico pensando como o público não específico se relaciona com esses filmes. Quando definimos que o tema da edição 53 da Filme Cultura seria “febre de cinema”, ou “cinefilia” simplesmente, comecei a pensar em quais curtas poderiam refletir melhor este espírito. Lembrei-me dos “sobre cinema”, que sempre me intrigaram.

O primeiro que eu gostaria de citar é *Como se morre no cinema* (2002), de Luelane Loliola Corrêa. Os 20 minutos da obra são dedicados a uma curiosa história vivida em 1964 pela cadela Baleia na exibição de *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos, em Cannes. E, de quebra, ao caso do papagaio estrangulado diante das câmeras. O curta dramatiza algumas cenas e reproduz notícias que saíram na imprensa francesa sobre o escândalo de um cineasta brasileiro que “matava animais em cena”, mal-entendido depois desfeito. Não sei se me emocionei mais com o filme ou com a sessão no *É Tudo Verdade* – linda a expressão de gratidão da atriz Maria Ribeiro, presente à exibição, ao ver a história contada quase 40 anos depois das filmagens. Foi ela quem apertou o pescoço do papagaio, e que finalmente pôde contar o desfecho da agonia. O curta será extra do DVD de *Vidas secas*, que todos torcemos não tarde a chegar por aqui.

Outro curta-homenagem é *De janela pro cinema* (1999), de Quiá Rodrigues. Exibido em Cannes em 2000, o filme encanta pela delicadeza dos movimentos de personagens famosos do cinema mundial em *stop motion*. A Marilyn Monroe de massinha canta e faz charme enquanto toma banho e se prepara para sair diante de uma coleção de *voyeurs* do naipe de Jeff (*Janela indiscreta*, Alfred Hitchcock), Nosferatu, Chaplin e do Anjo Daniel (*Asas do desejo*, Wim Wenders), entre outros. No final, uma aparição surpresa de Grande Otelo na pele de Macunaíma enche de graça e saudosismo a animação de Quiá. O filme foi feito no Centro Técnico Audiovisual (CTAv) e partiu de uma ideia de vinheta para a comemoração dos 100 anos do cinema. As versões do Youtube estão todas incompletas. No Vimeo há uma postagem de melhor qualidade: <http://vimeo.com/3385000>.

Encerrando as indicações, incluo *Ensaio de cinema* (2009), de Allan Ribeiro. O curta demora a dizer a que veio, o que é um caminho perigoso porque pode afastar aquele espectador mais impaciente. Mas há algo sutil no ar que não nos deixa entender bem o que se passa, nem desistir. Os dois personagens entregam-se ao ensaio de uma performance, e ele é a própria cena, o filme. Aí o início passa a fazer sentido também. Cheio de citações de planos e obras-primas de vários cineastas, o curta-metragem também entra na via do cine-homenagem, sem pieguismo. Tem feito boa carreira.

Exemplos como esses talvez constituam exceções num tipo de argumento que se repete além da conta; ou talvez sejam provas de que minha inquietação, exposta no segundo parágrafo, não tem assim tanto fundamento.

Joana Nin [joana.nin@filmeicultura.org.br](mailto:joana.nin@filmeicultura.org.br)



De janela pro cinema e Ensaio de cinema